

## ATRIBUINDO ESTRUTURA ESPACIAL AO TEMPO: O FUTURO ATRAVÉS DAS LÍNGUAS ROMANAS

Konstanze Jungbluth<sup>1</sup>

**RESUMO:** Enquanto os povos que falam a língua ameríndia Aymara percebem o futuro como estando atrás deles (NUÑEZ / SWEETSER, 2006), os povos que falam o espanhol, o catalão e o português concebem o futuro a frente deles. O uso de suas línguas, a construção de tempo específica dessas línguas e seus modelos de comportamento (BROWN, 2006) refletem não apenas acuidades de tempo baseadas em oposições espaciais, mas também a tradição histórica unilateral de uma antiga origem européia partilhada (JUNGBLUTH, 2005). Entretanto, com referência a como a estrutura espacial remete ao tempo, existem diferenças importantes entre as línguas romanas intimamente relacionadas. Iniciando com a oposição bipolar básica entre o presente e o não-presente, este projeto discute a variação, e especialmente a variabilidade cognitiva, enquanto enfatiza as conceituações de tempo em função do espaço. Devido aos processos de atrito dos paradigmas de termos múltiplos, a referência espacial dos termos estreitamente relacionados no sentido etimológico não é mais consistente entre as línguas. Esta inconsistência vai ainda mais longe quando os termos são transferidos do domínio espacial para o tempo. Como consequência, o catalão conceitua o futuro apenas como o não-presente, enquanto pelo menos o espanhol europeu faz diferença entre o futuro mais próximo e o mais distante. Uma prática de referência de separação de três termos semelhantes é relatada pelo português europeu, enquanto o português do Brasil segue o padrão bipolar do catalão. Essas distinções variadas são o resultado de conceitos específicos de cultura que refletem o uso de uma determinada comunidade lingüística em foco. **PALAVRAS-CHAVE:** Cognição; tempo; espaço; espanhol; português do Brasil; catalão.

**ABSTRACT:** While speakers of the Amerindian language Aymara perceive the future as being behind them (NUÑEZ / SWEETSER 2006), speakers of the Catalan, and Portuguese conceptualize it in front of them. Their use of language, their language-specific construal of time, and their behavioral patterns (BROWN, 2006) reflect not only their acuity of time based on spatial oppositions, but also the unaltered historical tradition of a shared ancient European origin (JUNGBLUTH, 2005). However, there are important differences between the closely related Romance languages concerning how spatial structure is ascribed to time. Starting with the basic bipolar opposition between present and non-present, this paper discusses variation, and especially cognitive variability, while emphasizing shared conceptualizations of time in terms of space. Due to attrition processes of multi-term paradigms, the spatial reference of closely related terms in an etymological sense is no longer consistent between the languages. This inconsistency drifts even further apart when the terms are transferred from the spatial domain to time. As a result, Catalan conceptualizes the future only as non-present, while at least European Spanish differentiates between a closer and a more distant future. A similar tripartite practice of reference is reported by European Portuguese, while Portuguese of Brazil follows the Catalan bipolar pattern. These varying distinctions are

---

<sup>1</sup> Europa-Universität Viadrina Kulturwissenschaftliche Fakultät Lehrstuhl für Sprachwissenschaft: Deskriptive Linguistik und interlinguale Soziolinguistik. E-mail: [jungbluth@europa-uni.de](mailto:jungbluth@europa-uni.de)

the result of culture-specific conceptualizations which reflect the use of a certain language community in focus.

**KEYWORDS:** Cognition; time; space; Spanish; Brazilian Portuguese; Catalan

## 1. Introdução

Achados anteriores mostram que os domínios entrelaçados de espaço e tempo são da forma que são dados, embora ambos sejam construções dos falantes baseadas em conceitos específicos das línguas que estão embebidas de suas respectivas culturas. As interpretações das relações de espaço são anteriores ao tempo ontogenética e filogeneticamente<sup>2</sup>. Meu trabalho enfocará a variação em que as formas de futuro são construídas em três línguas intimamente relacionadas, enfatizando as diferenças sutis freqüentemente desempenhadas pelos que falam a língua, superando suas origens culturais partilhadas.

As oposições de termos lingüísticos que formam um paradigma oferecem ao indivíduo que fala um respectivo modelo de língua a chance de seqüenciar sua informação perceptual<sup>3</sup> adequadamente. Os termos demonstrativos são proeminentes nesse procedimento. As oposições presentes no nível lingüístico são usadas para construir relações de espaço e são, principalmente, transferidas para construir as oposições no tempo. Paradigmas com dois termos são somados às construções bipolares de espaço, contrastando interna e externamente; em outras palavras, essas construções contrastam esferas leves entre o indivíduo que fala e o seu ouvinte em foco e obscuras e densas esferas infinitas por trás do falante e de sua audiência. Quando transferida para o tempo, essa oposição é usada para contrastar o presente e o não-presente, com um foco maior no presente.

“Porque existe apenas um observador, existe apenas um presente” (NUÑEZ/SWEETERS, 2006, p. 10). Esse vínculo deve-se à percepção de objetos que passam pelo observador que experimenta o tempo por sua moção relativa em relação a seu ponto de vista estático, isto é, o ponto referencial do ego. “Aqui os tempos são conceituados como objetos localizados em um espaço unidimensional (ex. caminho) relativo ao observador canônico (ego)” (NUÑEZ/SWEETERS, 2006, p. 9). Essa conceituação de tempo se espelha na metáfora de *o tempo voa, mas o espaço não*, que se refere, implicitamente, ao centro direto estático do falante.

---

<sup>2</sup> “Unbestreitbar ist dabei, dass die Wahrnehmung und Beherrschung von Raum und Zeit eng aneinander gekoppelt sind. Gelten diese Kategorien für Kant indessen als *a priori* gegeben, erscheinen sie bei Durkheim als historisch-kulturell wandelbares, aber individuell unhintergebares soziales Konstrukt. [...]. Die Raumerfahrung hat phylogenetisch wie ontogenetisch einen unbestreitbaren Vorrang vor der Zeiterfahrung.” (Rosa, 2005, p. 60).

<sup>3</sup> O caso mais conhecido é a diferença mais ou menos tênue que os falantes fazem entre as cores que formam um *continuum spectral*.

O tempo pode ser expresso por uma segunda forma de demonstrativo quando o sujeito se distancia. A estrutura inferida, usando-se essa variante, sugere que um tempo prolongado pode ser segmentado, diferenciando, dessa forma, uma região mais próxima de uma mais distante. Voltarei a esse ponto, que é relevante em espanhol, nas sessões 3.1 e 4. Além disso, existem relações de tempo não-demonstrativas, como seqüência simples de conceitos culturais estabelecidos, tais como: estações do ano, feriados ou meses do ano, por exemplo, fevereiro segue janeiro.<sup>4</sup>

É interessante notar que o ponto de vista estático, que serve de base para as construções de espaço, pode começar a alterar-se quando construções de tempo são desenvolvidas. Afunilando o foco no uso de elementos demonstrativos no discurso falado, os pronomes demonstrativos (PD) são usados em línguas romanas para relacionar a afirmação no espaço real, onde a conversa acontece, no espaço temporal e em alguns outros espaços, tais como: o espaço social, do discurso e do texto. Focarei agora o espanhol, o catalão e o português do Brasil, que carregam paradigmas de dois e três termos dos PD.

Apesar de se manterem fortemente interconectados, diferenças sutis presentes no terreno do espaço tornam-se mais importantes quando os mesmos termos são transferidos para o domínio do tempo. Com relação ao futuro, a diferença do uso dos pronomes demonstrativos entre os três idiomas será detalhada mais adiante. Para nossa surpresa, a redução para uma dimensão, no caso do tempo, comparada com o espaço tridimensional, abre a possibilidade de se conceituar o ego como sendo mutável, criando, dessa forma, um futuro duplo – um diretamente seguindo o presente e outro mais distante.

O estudo continua da seguinte maneira: na segunda parte, apresentarei o uso espacial dos pronomes demonstrativos em espanhol, catalão e português do Brasil. Na parte três, apresentarei algumas informações sobre os mesmos demonstrativos no domínio do tempo. Na quarta parte, discutirei a questão de como falantes dos três idiomas podem, respectivamente, referir-se a um futuro distante. Finalmente, contrastarei a oposição não explícita do presente e do não-presente, incluindo o futuro em catalão e no português do Brasil e a construção de dois tempos futuros subseqüentes em espanhol.

## **2. Pronomes demonstrativos em línguas ibero-romanas: sistemas de dois e três termos**

### **2.1. O uso dos termos espaciais em espanhol: *este – esse – aquel***

Tipologistas fazem distinção entre a pessoa e o sistema de demonstrativos relacionados a distâncias. (DIESSEL, 1999). Tradicionalmente, o sistema espanhol era considerado como sendo orientado para pessoas, relacionando e s t e<sup>5</sup> com a primeira

---

<sup>4</sup> Ver Nuñez/Sweeters 2006, p. 6.

<sup>5</sup> Visando a ajudar os leitores que não são familiarizados com esses idiomas a acompanhar os argumentos, todos os termos que se referem à proximidade estão espaçados duplamente; todos os termos que se referem

pessoa, e s e com a segunda e *a q u e l e* com a terceira pessoa. Essa interpretação foi alterada por linguistas contemporâneos, por exemplo William Croft, que interpretam o sistema como implicitamente orientado para a distância.

[ ] O idioma espanhol possui três modos distintos para o uso dos pronomes demonstrativos: *este* (perto de quem fala), *esse* (próximo de quem ouve) e *aquêle* (longe de ambos - quem fala e quem ouve). (CROFT, 1990, p. 18)

Priska Hottenroth (1982) vai ainda mais longe e embasa a perspectiva do ponto de vista da distância, superando a característica anterior de orientação para as pessoas, baseada na tradicional gramática latina:

[ ] O espaço ergocentricamente construído em torno da pessoa que fala [ ] é organizado da seguinte maneira: as regiões do *este* e *aquí*, do *esse* e *ahí*, e do *aquel* e *allí* são colocados de maneira a formarem círculos concêntricos em torno do **eu**, i.e da pessoa que fala. Desses, a área do *este-e-aquí* é o círculo mais interno que contém o eu, ou origo do <Zeigfeld> (Buhler, 1934). Como *ese* e *ahí* referem-se a lugares ou pessoas que não estão perto de quem fala nem tão distante como quando se usam os demonstrativos *aquel* and *allí*, as suas áreas de uso começam nos limites da área de emprego do *esteaquí* e constituem um segundo círculo delimitando a área da pessoa que fala. A área de uso do *ese-ahí* é por sua vez delimitada pela área do uso do *aquel-allí*. (HOTTENROTH, 1982, p. 142)

Minha interpretação para o uso dos pronomes demonstrativos em espanhol considera não apenas a pessoa que fala, mas também o ouvinte (JUNGBLUTH, 2005). O sistema é duplo: de um lado, a interpretação visando à pessoa é relevante em conversação face-a-face; a interpretação do ponto de vista da distância é preferido no caso da disposição lado-a-lado - de quem fala e de quem ouve -, que será então o que importa para a transferência na direção da construção. Imagine um grupo de visitantes que pára em um ponto de observação, sai do ônibus e o guia refere-se a pontos turísticos que estão ao redor. Para contrastar os pontos mais próximos dos mais distantes, ele usará o sistema de três termos, usando *este* para os espaços próximos e *aquêle* para os distantes. O termo *ese* será usado para as áreas localizadas entre uma e outra, ou seja, a uma distância intermediária.

Eso son besugeras. Las guardamos para que no se cojan polvo, ni se manchen. Tenemos esto (.0.4) y **eso** (.0.5) y *a q u e l l o* (.0.4), porque nos da lastima que se pierdan que se rompan.  
(JUNGBLUTH, 2005, data 2.2)

Essas são frigideiras. Nós as conservamos de modo que não se enferrujem nem manchem. Temos estas e essas e aquelas, [...]

---

à distância estão em itálico e os termos intermediários, ou seja, o segundo termo de um paradigma de três termos, estão em negrito.

**Dados nº 1: Referência em espanhol para espaços próximos, intermediários e distantes: *este - esse - aquel*.**

*Posição lado-a-lado do falante e do ouvinte*

proximal	medial	distal Espanhol
<i>e s t e</i>	<i>e s e</i>	<i>a q u e l</i>

(JUNGBLUTH, 2005, p. 204)

**Quadro 1: Categorizando o domínio espacial em espanhol: *e s t e - e s s e - a q u e l*.**

**2.2. O uso dos demonstrativos com relação a espaço em catalão: *aquest - aquell***

Enquanto o espanhol mantém a herança latina do sistema de três termos, o catalão reduziu o paradigma para apenas dois termos: *a q u e s t e a q u e l l*. Ao menos este é o caso, se observarmos o seu uso em Barcelona e seus arredores<sup>6</sup>.

Un ta]llet de pilota Ju[dith\  
Val\ a q u e s t petit eh\  
(..0.85) el del mig\_ o *a q u e l l* de la [punta\  
(JUNGBLUTH, 2005, data 3.10)

Um pedaço de almondega, Judith Ok,  
*este* pequeno  
[...0.85] no meio ou *aquele* na extremidade.

**Dado 2: Referências a espaços proximais ou distais em catalão:**

*aquest* - *aquell*

	proximal	distal
Catalão (variação falada em Barcelona)	<i>a q u e s t</i>	<i>a q u e l l</i>

(JUNGBLUTH, 2005, p. 204)

**Quadro 2: Categorizando o domínio do espaço em catalão: *a q u e s t - a q u e l l***

**2.3. O uso do demonstrativo espacial no português do Brasil *esse - aquele*.**

O uso dos pronomes demonstrativos no português do Brasil é bastante homogêneo, comparado com a rica variedade na Catalunha, não obstante ser a exemplo dela um território comparativamente vasto. Aqui, um sistema de dois termos é estabelecido. Enquanto no catalão o primeiro e o terceiro termos do sistema latino são mantidos, o português do Brasil apagou no discurso oral o primeiro termo, ampliando a referência espacial do segundo termo. O termo *e s s e* se opõe a *aquele*.

<sup>6</sup> Interessantemente, sistemas diferentes de dois-termos são relatados nas variedades de catalão de outras regiões



E s s e aqui [...] e *a q u e l e* prato lá. (JUNGBLUTH, 2005, data 4.4.)

E s s e aqui e *a q u e l e* prato lá.

**Dado 3: Referência ao espaço proximal e distal no português do Brasil:** *e s s e - a q u e l e*

---

	<i>proximal</i>	<i>distal</i>
Português do Brasil	<i>e s s e</i>	<i>a q u e l e</i>

---

(JUNGBLUTH, 2005, p. 204)

**Quadro 3: Categorizando o domínio do espaço no português do Brasil:** *e s s e - a q u e l e*.

## 2.4 Comparando o uso das três línguas no domínio espacial

É importante ter em mente que o terceiro termo em espanhol, *aquel*, o segundo termo em catalão, *aquell*, e o português do Brasil *aquela* são semelhantes e, é claro, íntima e historicamente relacionados (< Latim ECCE ILLE). Ainda que o seu uso denote diferenças sutis. Essas diferenças são reflexões das oposições do respectivo paradigma específico da língua, que são de três termos no caso do espanhol e dois termos no caso do Catalão e do Português do Brasil. O processo de atrito dos paradigmas de termos múltiplos nos dois últimos casos mencionados é observável nesta sessão pela primeira vez. Não é mais consistente comparar a referência das três línguas à região de proximidade. *E s s e* do português do Brasil (<IPSE), *e s t e* (<ISTE) do espanhol e *a q u e s t* do catalão (<ISTE) referem-se a mesma região proximal, enquanto o segundo termo, dos três usados em espanhol, *e s e* (IPSE) estabelece uma distância numa região mediana, que difere da referência estabelecida pelo brasileiro *e s s e*. Mostrarei, agora, que nem mesmo os dois sistemas de dois termos do catalão e do português do Brasil se comportam da mesma forma, quando os pronomes demonstrativos são reinterpretados a fim de transferir suas referências do domínio do espaço para os domínios do tempo.

---

	<i>proximal</i>	<i>medial</i>	<i>distal</i>	Espanhol
<i>e s t e</i>	<i>e s e</i>	<i>a q u e l</i>		
Catalão	<i>a q u e s t</i>		<i>a q u e l l</i>	
Português Brasileiro	<i>e s s e</i>		<i>a q u e l e</i>	

---

**Quadro 4: Comparando os sistemas demonstrativos usados para categorização no domínio espacial.**

## 2.5. Esboçando as regras para o uso dos pronomes demonstrativos espanhóis

A construção tridimensional de espaço admite que não somente o indivíduo que fala nem apenas o ouvinte, mas ambos, em suas posições alternadas, aproximando-se ou afastando-se mutuamente, são importantes para a construção das oposições espaciais. Os dados mostram que as concepções orientadas pela distância das regiões lineares limítrofes

em seqüência, regiões mais próximas, regiões a meia distância e regiões mais distantes são construídas quando o que fala e o que ouve partilham a mesma perspectiva, quando posicionados lado a lado. Em conversação face a face, ao contrário, quando têm perspectivas opostas, eles diferenciam apenas entre uma região interna ou externa<sup>7</sup> (ver seção 2.1). Dessa forma, nessa situação canônica eles ficam subordinados a uma concepção orientada para o indivíduo.

<b>Orador e ouvinte lado a lado</b>		
<b>sim</b>	<b>não</b>	
☞ <b>Orientação: distância</b>	<b>Orador está atrás do ouvinte</b>	
	<b>sim</b>	<b>não</b>
<b>- próximo (este)</b>	☞ <b>Orientação: indivíduo</b>	<b>Orientação: indivíduo</b>
<b>- médio (ese)</b>	<b>- falante (este)</b>	<b>- interno (este)</b>
<b>- longe (aquel)</b>	<b>- ouvinte (ese)</b>	<b>- externo (aquel)</b>

**Quadro 5: Regras para o uso dos pronomes demonstrativos em Espanhol para construir as regiões de espaço.**

Tendo em mente esse esboço do uso de espaço dos pronomes demonstrativos nas três línguas ibero-romanas em foco, concentrarei, agora, a atenção em seus usos temporais.

### 3. O uso temporal do pronome demonstrativo

#### 3.1. O uso temporal em Espanhol: *ese – este – ese*

Não surpreendentemente, o termo usado para proximidade e *este* é reinterpretado metaforicamente também como referência ao presente:

Ellos tienen un muy buen movimiento [...] y nosotros no, ahora, en *este* momento no tenemos buena defensa.

(CREA, consultado 20 de junho de 2007; TVE 02/04/89).

‘Eles têm um movimento muito bom[...] e nós agora, neste momento, não temos boa defesa.’

**Dado 4: o primeiro termo *este* em espanhol é usado para referência ao presente.**

A proximidade pode ser interpretada como espacial ou temporal:

<sup>7</sup> “Em espaço, as coisas por trás do ego são visualmente inacessíveis, logo desconhecidas” (NUÑEZ/SWEETERS, 2006, p. 14)

As existências especialmente relevantes entre si são percebidas em ambos os domínios (ex. espaço e tempo) se são vizinhos próximos. [...] Com termos demonstrativos [...] a questão de proximidade é especificamente óbvia e igualmente relevante em ambos os domínios. (TENBRINK, 2007, p. 22)

Colocando o espacial *aqui* e o temporal *agora* um no outro, o EGO-HIC-NUNCOorigo (BÜHLER, 1934), ex. o ponto-de-referência-ego (ver seção1) é mais uma vez fortalecido.

A distinção e designação precisas das relações de tempo apresentam a língua com um problema muito mais difícil e complexo do que o desenvolvimento de seus termos e concepções espaciais. [...] A linguagem mostra, no entanto, que o pensamento em geral e o pensamento lingüístico em particular devem executar uma operação de um tipo diferente, e pode-se dizer de uma dimensão maior quanto à representação de tempo e diferenciação de direções e intervalos de tempo forem construídas<sup>4</sup>. Pois o 'aqui' e 'lá' podem ser agrupados em uma unidade intuitiva muito mais simples e imediata do que no caso dos fatores temporais 'agora' 'antes' e 'depois'. O que caracteriza esses fatores como *temporais* é precisamente que eles nunca são como coisas de intuição objetiva levados simultaneamente à consciência. As unidades, as partes, que numa intuição espacial parecem combinar entre si como um todo, aqui se excluem: a existência de uma especificação significa a não existência das outras e vice-versa. Conseqüentemente, o fato total da representação de tempo nunca está contido na intuição imediata; a diferenciação e a combinação, no entanto, analítica e sintética, têm conseqüentemente um papel mais importante do que na representação espacial. Desde que os elementos existem como tais apenas porque a consciência os 'atravessa' e dessa forma os diferencia, este ato de atravessar, este raciocínio penetra na forma característica do próprio conceito de tempo<sup>8</sup>. (Cassirer 1953,215, emphasis od EC)

---

<sup>8</sup> «Eine wesentlich schwierigere und komplexere Aufgabe als in der Ausbildung der Raumbestimmungen und Raumbezeichnungen hat die Sprache zu erfüllen, um zu einer genauen Scheidung und Bezeichnung der zeitlichen Verhältnisse zu gelangen. [...] Hier zeigt sich [...] deutlich, daß (sic!) es eine Bestimmung von anderer Art und gleichsam von einer höheren Dimension ist, die das Denken überhaupt, und das sprachliche Denken im besonderen, im Aufbau der Zeitvorstellung, in der Unterscheidung der Zeitrichtungen und Zeitstufen, zu vollziehen hat. Denn das «Hier» und «Dort» kann in weit einfacherer und weit unmittelbarer Weise zu einer anschaulichen Einheit zusammengefasst werden, als es bei den einzelnen Momenten der Zeit, bei dem Jetzt, bei den Früher und Später der Fall ist. Gerade dies kennzeichnet ja diese Momente als Zeitmomente, daß sie niemals gleich Dingen der objektiven Anschauung zugleich und «zumal» gegeben sind. Die Einheiten, die Teile, die sich in der räumlichen Anschauung wie von selbst zu einem Ganzen zu verbinden scheinen, schließen sich hier vielmehr aus: das Sein der einen Bestimmung bedeutet das Nicht-Sein der anderen und *vice versa*. Der Gehalt der Zeitvorstellung ist daher niemals in der unmittelbaren Anschauung beschlossen; sondern hier macht sich in noch weit stärkerem Maße, als es von der Raumvorstellung gilt, der entscheidende Anteil des verknüpfenden und trennenden, des analytischen und synthetischen Denkens geltend. Da die Elemente der Zeit als solche nur dadurch sind, daß das Bewusstsein sie durchläuft und in diesem Durchlaufen gegeneinander unterscheidet, so geht eben dieser Akt des Durchlaufens, dieser «discursus», in die charakteristische Form des Zeitbegriffs selbst ein» (Cassirer 1923/1994, 170, emphasis of EC).



A consciência, que está evidente nas palavras de Cassirer, pertence a ninguém mais que o ego móvel que atravessa distâncias (ver seção 1). O presente pode ser conceituado como um momento bastante pontual ou pode ser estendido ao passado ou ao futuro. O conceito não-métrico dos ‘espaços’ temporais permite esta incerteza (falta de precisão)<sup>9</sup>.

E s t e año ha habido buena cosecha. (RAE Esbozo, 1973, p. 466)

Este ano tivemos uma boa colheita.

**Dado 5: Estendendo o presente para o passado - em espanhol é usado e s t e.**

E s t e verano me voy a Portugal. (RAE, Esbozo, 1973, p. 466)

Este verão eu vou a Portugal.

**Dado 6: Estendendo o presente para o futuro - em espanhol é usado e s t e.**

O segundo termo **e s e** é usado para o não-presente quer para o passado ou para o futuro, ambos são tratados igualmente:

Yo estaba en la mili **e s e** año. (CREA, consultado em 23 de junho de 2007; TVE 24/09/95)

**Naquele** ano eu me alistei no exército.

**Dado 7: Em espanhol, o segundo termo e s e é usado como uma referência ao passado.**

Si usted después, al acabar **e s e** año, le quiere seguir prorrogando, llamémosle. (CREA, consultado em 23 de junho de 2007; Radio 27/01/92)

Se você quiser continuar seu contrato depois **desse** ano, telefone.

**Dado 8: Em espanhol, o segundo termo e s e é usado como uma referência ao futuro.**

Assim como na intuição de espaço, tudo aqui é reduzido para a simples distinção de próximo e longe. A única diferença essencial que é notada e claramente expressa é aquela que está entre o ‘agora’ e o ‘não – agora’ – entre o presente imediato e aquela que está ‘fora’ dele. Esse presente não deve, certamente, ser considerado como uma severa abstração

---

<sup>9</sup> «Mit temporaldeiktischen Ausdrücken werden relativ zum aktuellen Sprechzeitpunkt Zeitintervalle als Betrachtzeit für bestimmte Ereignisse eingeführt. Wir unterscheiden: eine NICHT-METRISCHE temporale Deixis, mit der Sprecher auf Zeitintervalle verweisen, deren Erstreckung prinzipiell Vagheitsspielräume lässt und die allenfalls kontextuell genauer einzugrenzen sind; eine METRISCHE temporale Deixis, die auf konstanten Zeitstrecken basiert. Als sprachliche Ausdrucksformen sind temporale Adverbialia (Adverbien, Präpositionalphrasen) und die Verbtempora zu nennen.» (Hoffmann in: Zifonun/Hoffmann/Strecker, 1997, p. 340)

matemática, mas como um ‘agora’ psicológico, incluindo todos aqueles conteúdos que podem ser intuídos como uma unidade temporal imediata, que pode ser condensada em uma unidade elementar de experiência. (Cassirer, 1953, p. 217) <sup>10</sup>

O sistema de três termos do paradigma espanhol do PD oferece-nos uma maior diferenciação entre o futuro mais próximo e o mais distante, que será discutida na seção quatro.

### 3.2. O uso temporal no idioma catalão: *aquell* – *aquest* – *aquell*

Assim como no procedimento mostrado no espanhol, os falantes do catalão podem estender o presente em direção ao passado ou futuro.

És que a q u e s t a setmana am(b) en Josep ens hi hem posat\ (.0.18)  
en [P]ere no ha fet re eh a l’hort\ (COC 18, line 1504-1506)

Esta semana nós estivemos lá com o Josep, você sabe \ (0.18) [P]ere  
não fez nada no jardim.

**Dado 9: Estendendo o presente em direção ao passado: o catalão a q u e s t é usado.**

T’ho ensenyaré a q u e s t cap de setmana (COC 03, line 1463) Eu  
vou mostrar isso a você neste final de semana.

**Dado 10: Estendendo o presente em direção ao futuro: o catalão a q u e s t é usado.**

Para ser mais preciso e para comunicar uma diferença clara para o presente, o não-presente é referido pelo segundo termo *aquell* mesmo que tenha ido<sup>11</sup> ou esteja por vir:

i *aquell* dia que [...] que vam anar a Roses\ (COC 18, line 397-400)

E aquele dia quando nós fomos para Roses.

---

<sup>10</sup> «Wie im Raume, so ist es auch hier der einfache Unterschied von Ferne und Nähe, auf den alles zurückgeführt wird. Die einzige wesentliche Differenz, die ergriffen und scharf zum Ausdruck gebracht wird, ist die zwischen dem «Jetzt» und dem Nicht-Jetzt – zwischen dem unmittelbaren Gegenwartspunkt und dem, was sich «außerhalb» desselben befindet. Dabei ist freilich der Punkt nicht als streng einfacher mathematischer zu denken, sondern es eignet ihm eine bestimmte Ausdehnung. Das Jetzt, nicht als mathematische Abstraktion, sondern als psychisches Jetzt, umspannt die Gesamtheit von Inhalten, die zu einer unmittelbaren zeitlichen Einheit zusammenschaut, die zum Ganzen eines Augenblicks, als einer elementaren Erlebniseinheit, verdichtet werden können.» (Cassirer, 1923/1994, p. 172-173).

<sup>11</sup> Este uso é o mesmo para o tempo passado perfeito ou imperfeito (ver acima): *aquell* dia [que] (...) [...] jo estre]nava el biquíni: Naquele dia eu usei o biquíni pela primeira vez (COC 18, line 405-408).

**Dado 11: Em catalão, o segundo termo *a que ll* é usado como referência ao passado.**

El any vinent ens anirem a Portugal. *A que ll* any es celebrerà l'EXPO en allà. (JUNGBLUTH, 2005, data 3.17)

No próximo ano nós vamos a Portugal. *Nesse* ano a EXPO será celebrada lá.

**Dado 12: Em catalão, o segundo termo *a que ll* é usado como referência ao futuro.**

A princípio, pode parecer supérfluo mostrar o uso duplo do segundo termo *a que ll* para se referir ao passado e ao futuro, desde que os dois são não-presentes, mas, comparando os dados com o que segue, o qual representa o uso do PD no português do Brasil, traremos à tona o admirável equilíbrio do sistema catalão que não é geral, de modo algum. A inconsistência observada na seção 2.4 nos leva bem mais longe quando os termos são transferidos do domínio espacial para o temporal.

### 3.3. O uso temporal no português do Brasil: *aquele – esse – esse*

Estender o presente com relação ao passado ou ao futuro é algo também comum no português do Brasil.

É muito chato mesmo, (inint) (rindo) de cheque, não é? Agora, *n e s s e* espaço, *n e s s e* intervalo, dá para verificar se o cheque tem fundo? (JUNGBLUTH, 2005, data 4.17)

**Dado 13: Estendendo o presente com relação ao passado: PB “*e s s e*” é usado.**

Esse dado é especialmente interessante, porque ele segue a transferência cognitiva de espaço para o tempo no próprio dado lingüístico.

Então, eu vou botar essa proposta com ela se ela quiser ver esse negócio. Acaba *e s s e* ano. (JUNGBLUTH, 2005, data 4.16)

**Dado 14: Estendendo o presente com relação ao futuro: PB “*e s s e*” é usado.**

Embora os falantes do português do Brasil possam até se referir ao passado distante usando *e s s e*<sup>12</sup>, o pronome demonstrativo *a que l e* parece ser bem mais freqüente nesse tipo de contexto temporal remoto.

---

<sup>12</sup> «*E s s e* e *a que l e* exprimem tempo passado (*esse*, passado próximo; *a que l e*, distante): Visitei Belô pela primeira vez em 1970. *Nesse* (ou *naquele*) tempo, eu morava no Recife.» (Paiva 19.9.2000, Jungbluth 2005: 185, minha ênfase).

Mas para mim, na *quela*<sup>13</sup> época, era tudo muito natural.

**Dado 15: No português do Brasil, o segundo termo *aquela* é usado como uma referência ao passado.**

Diferentemente do que encontramos no idioma catalão, nem os meus dados referentes ao português do Brasil, tampouco os que eu chequei (como exemplo PEUL), mostram qualquer pronunciamento em que o segundo termo apareça como referência de futuro. Ao examinarmos a gramaticalização da referência do tempo futuro em línguas européias, Dahl e os pesquisadores envolvidos no projeto EUROTYP, que focaliza o tempo e os aspectos, distinguem quatro níveis de distância<sup>14</sup>: imediato, «esta noite», «amanhã» e distante (DAHL, 2000, p. 316). Esse último nível será o assunto do próximo tópico.

#### 4. O futuro distante em espanhol, catalão e português do Brasil

Só há alguns poucos contextos onde uma referência a um futuro distante é necessária. O futuro em si é vago, não inteiramente pela influência do homem.

As línguas, como as pessoas mais idosas, têm uma ligação com o passado. Elas preferem, ou seja, seus falantes preferem elaborar categorias para o que está feito e acabado. Isso é claramente verdadeiro para o sistema de tempo verbal [...], e isso não seria menos verdadeiro no caso do aspecto. É comum que se tenha uma categoria que olhe para trás – isto é, para um evento terminado no TD [tempo determinado]. Os aspectos futuros, por outro lado, são raros. (KLEIN, 1994, p. 114)

Não obstante, imaginamos situações futuras, para nós mesmos ou para a humanidade, nas quais algumas dessas circunstâncias são diferentes do presente e nós expressamos nossos desejos, esperanças e medos.

O sistema de três termos dos pronomes demonstrativos do espanhol diferencia no domínio espacial entre a próxima, a média e a longa distância. Elas estabelecem três regiões lineares de limite onde as perspectivas do falante e do ouvinte são iguais. As mesmas formas de regiões distintas podem ser transferidas do presente Origo do NUNC para o passado<sup>15</sup> e para o futuro. Assim, os falantes do espanhol podem referir-se aos espaços temporais remotos no futuro, usando o terceiro termo *aquela*.

---

<sup>13</sup> A preposição *em* e o pronome demonstrativo *aquele estão aglutinados aqui: naquele*.

<sup>14</sup> «[...] há uma pronúncia enfática com respeito à dimensão remota, com o futuro no tempo remoto e a construção *aller [em francês, ir a construção em espanhol]* no tempo não remoto da escala » (DAHL, 2000, p. 315).

<sup>15</sup> Há vários exemplos de referencia ao passado, por exemplo, *En aquel tiempo, el pueblo de Itapé no era todavía lo que es hoy*. ‘Naquele tempo a vila de Itapé ainda não era igual ao que é hoje’.

En *aquellos* tiempos, las reservas de petróleo se habrán agotado.  
(El Norte de Castilla, 12.8.1989, 48, following Bruyne 1993, 175)



Nesse tempo as reservas de óleo serão esgotadas.

**Dado 16: Em espaços do futuro distante, falantes do espanhol podem referir-se ao mesmo usando o *aquel*.**

O mesmo não pode ser dito com relação aos falantes do catalão. Eles não são capazes de distinguir os espaços futuros mais remotos (distante) do futuro que está mais próximo do presente pelo uso de diferentes pronomes demonstrativos. Logo atrás do presente ampliado há um futuro situado, o qual, nesse último caso, é referido pelo *aquell*, o segundo termo do paradigma. Os falantes do português do Brasil geralmente estendem o presente para o futuro, mesmo que esse espaço temporal esteja longe<sup>16</sup>.

Segundo João Carlos Silva, o momento seguinte passa-se no período entre 2047 e 2050. 'Nessa altura está um grupo de nigerianos, [...]'<sup>17</sup>

**Dado 17: No espaço do futuro distante, os falantes do português do Brasil podem usar *esse*.**

ORADOR E OUVINTE ESTÃO LADO A LADO	ORADOR REFERINDO-SE A REGIÕES LINEARES-LIMITROFES LIGADAS AO FUTURO
 <b>Orientado pela distância</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Perto</b> (<i>este</i>)</li><li>• <b>Meio</b> (<i>ese</i>)</li><li>• <b>Distante</b> (<i>aquel</i>)</li></ul>	 <b>Orientado pelo tempo</b> <ul style="list-style-type: none"><li>• <b>Presente</b> (<i>este</i>)</li><li>• <b>Futuro próximo</b> (<i>ese</i>)</li><li>• <b>Futuro distante</b> (<i>aquel</i>)</li></ul>

Quadro 6: Regras para o uso dos pronomes demonstrativos em espanhol na construção de regiões temporais.

Neste ponto da pesquisa, essas descobertas ainda são preliminares. Mais dados serão coletados com o objetivo de fortificar ou talvez de alterar essa tese. A interpretação de espaço construída na posição de orador e ouvinte lado a lado, intensifica o modelo muito difundido do *futuro à frente do eu*, comumente usado para interpretação de tempo.

<sup>16</sup> Daqui a quinhentos ou mil anos... [...] Todos esperamos que *naquela* longínquo futuro, as humanidades, as ciências, a tecnologia, a política etc. estejam num estágio muito superior; [http://www.natalpress.com/index.php?Fa=aut.inf\\_mat&MAT\\_ID=11178&AUT\\_ID=53](http://www.natalpress.com/index.php?Fa=aut.inf_mat&MAT_ID=11178&AUT_ID=53), acessado em 29 de junho de 2007. Estou em dúvida se esse dado é realmente de origem americana ou européia. Talvez o surpreendente futuro distante evoque o termo distante mesmo no português do Brasil.

<sup>17</sup> <http://www.noticiaslusofonas.com/view.php?load=arcview&article=3388&category=CPLP>, acessado em 29 de junho de 2007.

Olhando para frente<sup>18</sup>, o orador é o “observador legal (ego)” e “[..] tempos são conceituados como objetos localizados em um espaço dimensional (ex.:caminho) relativo a” ele ou ela. (NUÑEZ / SWEETERS, 2006, p. 9).

## 5. Futuro atrás ou à frente?

A trilha atrás de alguém representa o passado, o caminho percorrido, enquanto a trilha à frente é tomada como sendo símbolo do futuro. “Objetos fixos em relação aos quais o observador se move” são tempos. “[...] o tempo tem uma extensão” e “um tempo estendido, como um segmento de uma trilha, pode ser compreendido como uma região linear limítrofe (ex.: tempo “espaço”).” “[...] o movimento frontal do observador referente aos objetos” simboliza a passagem do tempo e a “distância movida pelo observador” representa “a quantidade de tempo passada” (NUÑEZ / SWEETERS, 2006, p. 10).

Nossa percepção de futuro é subsidiada por nossa cultura. Nós esperamos que o futuro não apenas esteja à nossa frente, mas num eixo horizontal; nós imaginamos o futuro em direção a um fim certo, seguindo os gráficos de números sociais, políticos e econômicos que comparam informações de décadas e anos diferentes. O “eu” que se movimenta e vai em direção ao futuro a partir do lado direito para o esquerdo (NUÑEZ / SWEETERS, 2006, p. 6, figura 1) me parece difícil de entender e a gravura pode ser o resultado de uma assimilação nativa crescente dos pesquisadores, bem conhecida pelos etnologistas que adotam o ponto de vista de seus informantes.

A língua Aymara, falada na Bolívia, Peru e Norte do Chile, como foi relatada por Nuñez e Sweeters (2006), enfatiza a importância de testemunhas oculares. A evidência é uma categoria gramatical na língua deles. De acordo com essa característica, aqueles que falam o Aymara colocam o espaço externo obscuro localizado atrás do orador, em cima do futuro, que é do mesmo modo visualmente inacessível. O espaço interno – claro, mais próximo, e bem conhecido – é tido como o irmão gêmeo do passado.

[..] o presente é metaforicamente localizado imediatamente à frente do corpo do orador, enquanto o **passado** é o espaço mais afastado em **frente ao mesmo**. (NUÑEZ / SWEETERS, 2006, p. 15; minha ênfase)

Não apenas em sua linguagem, mas em seus gestos, os que falam o Aymara fluentemente “usam gestos em direção à frente quando se referem ao passado, enquanto os que falam espanhol com fluência usam gestos para trás” (NUÑEZ / SWEETERS, 2006, p. 26).

O estudo da construção peculiar espacial do tempo do Aymara nos oferece uma excelente oportunidade de estudar quão fundamentais são

---

<sup>18</sup> “[..] o eu é construído como se estivesse olhando para o futuro”. “Devido a espécies específicas morfoanatômicas, o movimento para a frente é mais fácil, preciso e natural para os humanos do que o movimento para trás (ou para o lado).” (NUÑEZ / SWEETERS, 2006, p. 12).

os conceitos do dia a dia como o tempo, embora embasados na mesma experiência universal humana do mundo, podem ser enquadrados em modos específicos que irão gerar variações culturais. (NUÑEZ / SWEETERS, 2006, p. 42)

Comparado com o Aymara, a variação entre as três línguas romanas, espanhol, catalão e português do Brasil não é tão abrangente, mas as suas implicações cognitivas baseadas em suas divergências podem ser importantes em um modo similar. Rotinas baseadas na prática diária são procedimentos repetitivos que estimulam a construção dos eixos e redes neuronais ex.: modelos que nos ajudam a estruturar os nossos dados perceptíveis. As construções específicas de espaço e de tempo da língua estão culturalmente impregnadas de hábitos desse tipo. Suas variações refletem a riqueza cultural do ser humano.

O pensamento espacial humano [cognição] é bastante influenciado pela cultura, e mais especificamente pela língua; quando as línguas se diferenciam em aspectos cruciais, do mesmo modo acontece com a conceituação das relações. (LEVINSON, 2003, p. 18; colchetes meus)

## 6. Considerações finais

Focalizando contextos onde pessoas vêem os eventos futuros como algo a acontecer após suas vidas, os falantes do espanhol são forçados a subcategorizar entre o futuro próximo e o futuro distante. Os falantes dessas línguas que desenvolveram paradigmas de dois termos de PD conceituam suas visões de modos alternativos. Se eles quiseram especificar os detalhes das diferentes distâncias dos espaços futuros assumidos, eles terão que ser mais explícitos quando adicionarem, por exemplo, orações subordinadas.

Para concluir, os falantes do catalão e do português do Brasil contrastam o espaço do discurso construído pelo falante e seus ouvintes e o espaço de fora usando o seu primeiro e o seu segundo termos. Transferindo essa oposição para o tempo, eles contrastam entre o presente e o não-presente. Falantes do catalão deixam que o contexto mostre se a referência é para o passado ou futuro. Ouvintes do português do Brasil esperam que nos contextos temporais o segundo termo só se refira a eventos no passado. Eles incluem até um futuro comparativamente mais remoto no espaço temporal do presente, estendendo o uso de seu primeiro termo. Falantes do espanhol podem fazer sutis distinções entre o passado próximo e o passado remoto e entre o futuro próximo e o futuro distante. Quando comparamos espaço e tempo, o tempo se torna mais concreto; do mesmo modo, o uso dos demonstrativos entre as três línguas intimamente relacionadas e analisadas aqui é surpreendentemente diferente.

	Passado	Presente	Futuro <sup>19</sup>
Espanhol	e s e	e s t e	e s e
Catalão	a q u e l l	a q u e s t	a q u e l l
Português do Brasil	a q u e l e	e s s e	e s s e

**Tabela 7: Comparando o sistema demonstrativo usado para categorização no domínio temporal.**

Devido ao processo de atrito do paradigma de multitermos, a referência temporal dos termos etimologicamente próximos e relacionados não é mais consistente entre as línguas e ainda mais divergente comparado com o caso da referência espacial (seção 2.4). O contraste entre o espaço de dentro e de fora, entre o presente e o não-presente, parece pertencer ao nível universal compartilhado por todos os falantes, sem levar em consideração a sua língua histórica. A referência do não-presente para o passado é também unânime. O *status* precário do futuro é mais uma vez confirmado. Por um lado, o presente pode ser estendido para incluir o futuro, mesmo que seja conceituado como estando muito distante. Por outro lado, o futuro pode ser tratado como não-presente, espelhando o passado. No nível histórico das respectivas línguas, o sistema de três termos força seus falantes a decidirem quão longe no passado ou no futuro a região mencionada deve estar situada. O conceito do domínio temporal não só inclui a menor ou a mais vasta extensão da região do presente, mas também uma categorização de dois pontos das regiões do passado ou do futuro como sendo mais próxima ou mais distante com relação ao EGO-HIC-NUNC-Origo. Voltando às implicações relativas ao nível cognitivo, devemos levar em consideração que estruturas, que são obrigatoriamente usadas por línguas no mundo, são mais prováveis que estruturam a forma pela qual dados perceptuais são interpretados. É claro que o princípio de liberdade de expressar tudo aquilo que um indivíduo dá importância em qualquer língua que esteja sendo falada é incontestável.

A verdadeira diferença entre as línguas não está no que pode ou não pode ser expresso, mas naquilo que deve ou não deve ser dito pelo orador. (JAKOBSON, 1959, p. 141)

## 7. Referências bibliográficas<sup>20</sup>

Badia i Margarit, Antoni M. (1952), Los demostrativos y los verbos de movimiento em iberorománico. In: González Palencia, Ángel (ed.), *Estudios dedicados a Menéndez Pidal III*, Madrid, Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 12-53.

<sup>19</sup> O futuro distante, expresso pelo termo *aquel* pelos espanhóis, está fora da observação aqui apresentada (ver quadro 6 acima).

<sup>20</sup> Nota da Comissão Editorial da *Encontros de Vista*: Optou-se pela manutenção dos registros das referências bibliográficas como se apresentaram na escrita original da prof<sup>a</sup> Dra Konstanze Jungbluth e que estão em consonância com as normas europeias de publicações científico-acadêmicas.



\_\_\_\_\_. (1962), *Gramatica Catalana* (2 vols.), Madrid, Gredos.

Bechara, Evanildo (1999), *Moderna Gramática Portuguesa*, Rio de Janeiro, Lucerna.

Boroditsky, Lera (2000). Metaphoric structuring: Understanding time through spatial metaphors. *Cognition*, 75, 1-28.

Brown, Penelope (2006). Language, culture and cognition: The view from space. *Zeitschrift für Germanistische Linguistik* 10/2006, 64-86.

Bruyne, Jacques De (1993), *Spanische Grammatik*, Tübingen, Niemeyer.

Bühler, Karl (1934), *Sprachtheorie – Die Darstellungsfunktion der Sprache*, Stuttgart, G. Fischer, 1934/1965/1982. [English translation by Donald Fraser Goodwin (1990), *Theory of Language*, Amsterdam, Benjamins.]

Cassirer, Ernst (1923-29, 21953, 101994), *Philosophie der symbolischen Formen, Erster Teil: Die Sprache*, Darmstadt, Wiss. Buchgesellschaft [English translation by Ralph Manheim (1953), New Haven, Yale University Press.]

Croft, William (1990), *Typology and universals*, Cambridge, CUP.

Dahl, Östen (2000), *Tense and Aspect in the Languages of Europe*, Berlin, de Gruyter.

Diessel, Holger (1999), *Demonstratives. Form, function and grammaticalization*, Amsterdam, Benjamins.

Hottenroth, Priska (1982), The System of Local Deixis in Spanish. In: Weissenborn, Jürgen/Klein, Wolfgang (eds.), *Here and There. Cross-linguistics Studies on Deixis and Demonstration*, Amsterdam, Benjamins, 133-153.

Jakobson, Roman (1959), Boas' view of grammatical meaning, in: Goldschmidt, W. (ed.), *The anthropology of Franz Boas, Memoirs of the American Anthropological Association* 89, 139-145.

Jungbluth, Konstanze (2005), *Pragmatik der Demonstrativpronomina in den iberoromanischen Sprachen*, Tübingen, Niemeyer.

Klein, Wolfgang (1994), *Time in Language*, London, Routledge.

Levinson, Stephen (2003), *Space in language and cognition*, Cambridge, CUP.

Núñez, Rafael . E. / Sweetser, Eve (2006). With the future behind them: Convergent evidence from Aymara language and gesture in the crosslinguistic comparison of spatial construals of time, *Cognitive Science*, 30, 1-49.

Real Academia Española (1973), *Esbozo de una nueva gramática de la lengua española*, Madrid, Espasa.

Rosa, Hartmut (2005). *Beschleunigung. Die Veränderung der Zeitstrukturen in der Moderne*, Frankfurt a.M., Suhrkamp.

Tenbrink, T. (2007). *Space, time, and the use of language*. Berlin, de Gruyter.

Zifonun, Gisela/Hoffmann, Ludger/Strecker, Bruno (1997), *Grammatik der deutschen Sprache* (3 Bände), Berlin, de Gruyter.

### **Corpora**

**B R A T O L I** ► Korpus handlungsverschränkter Sprechens mit Proben des europäischen und amerikanischen Spanisch und des europäischen und amerikanischen Portugiesisch), **B R A silien–T O ledo–L I ma** <http://www.sfb441.unituebingen.de>

**C R E A** ► *Corpus de Referencia del Español Actual*. REAL ACADEMIA ESPAÑOLA (en desarrollo) <http://www.rae.es>

**C U B** ► *Corpus de Català Contemporani de la Universitat de Barcelona* <http://www.ub.es/filling/cub.htm>

**P E U L** ► Programa de Estudos do Uso da Língua, cf.: PAIVA, Maria da Conceição (ed.) (1999), *Amostras do português no Rio de Janeiro*, Rio de Janeiro (UFRJ).

### **Convenções de transcrição**

[0.5] pausa de meio segundo  
\  
(inint) não interrompido  
(rindo) (rindo)

### **Vitae**

Konstanze Jungbluth estudou Filosofia Romana e Teoria Política em Berlim Ocidental e em Frankfurt am Main; completou sua tese de doutorado sobre “A tradição discursiva dos livros de família catalães, durante a Decadência” na Universidade de Tübingem, em 1994. Em 2002, concluiu sua tese de pós-doutorado “A pragmática dos pronomes demonstrativos nas línguas ibero-romanas.” Cargos de docência nas universidades de Erfurt, Tübingem, Passau e Saarbrücken deram a ela a oportunidade de estabelecer uma série de programas de intercâmbio entre universidades alemãs, argentinas e brasileiras, sendo patrocinada pela Fundação de Pesquisa Alemã (DFG), “German Research Foundation”, pelo Serviço de Intercâmbio Acadêmico Alemão (DAAD) e, mais recentemente, pela Fundação Volkswagen. Ela foi nomeada professora de Lingüística – Lingüística descritiva e sociolingüística interlingual – na universidade de Viadrina, Frankfurt (Oder), em outubro de 2007.

## Agradecimentos

Gostaria de agradecer a Thora Tenbrink, pelas sugestões dadas, a Thomas Crowe, pelo empenho na preparação deste trabalho, a Maria das Mercês A. Carvalheria, tradutora brasileira, e a Valéria S. Gomes, pela discussão possível.

